

## SUBSÍDIOS PARA A CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDANTE DE ENFERMAGEM NAS ESCOLAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Djair Daniel Nakamae\*

NAKAMAЕ, D. D. — Subsídios para a caracterização do Estudante de Enfermagem nas Escolas do Estado de São Paulo. *Rev. Esc. Enf. USP*, 9(2):347—392, 1975.

*Porque parece ser importante manter atualizadas informações quanto a dados demográficos, origem socio-econômica, vida escolar, situação econômica atual, requisitos para o aproveitamento escolar, aspiração e informação sobre a carreira que caracterizam o estudante de enfermagem, e que no campo prático podem oferecer elementos para adequar programas e métodos de ensino, fez-se a pesquisa em 1973, com o objetivo de levantar tais informações.*

*Estudo de tipo descritivo, realizou-se o levantamento dos dados, através de aplicação de questionário com 38 itens em 150 alunos de terceira série das seis escolas de enfermagem existentes no Estado de São Paulo.*

*Alguns resultados são destacados a seguir; 48,4% dos terceiranistas são netos de estrangeiros, predominando grandemente os japoneses; há razoável mobilidade de estudantes dentro do Estado e relativamente pequena entre os mesmos; 43,3% dos estudantes trabalhavam antes de ingressar na Faculdade de Enfermagem; alta incidência de normalistas e de indivíduos sem o curso científico; quase a metade prestou exame vestibular para outro curso; 57,9% dos estudantes trabalham atualmente em atividades remuneradas; destes a maioria o faz por necessidade financeira; metade dos alunos cursam escolas pagas, destes a maioria tem despesas com taxas e anuidade superiores a dois mil cruzeiros; 37,2% tem jornada de trabalho diário em torno de 8 ou mais horas; 62,9% estudam menos de dez horas/semana fora do período de aula; 64,7% alegou como motivo principal de sua escolha pelo curso a inclinação pela profissão e predominam os que estão satisfeitos com sua escolha; metade classifica como boas as possibilidades de trabalho existentes; 72% dos estudantes pretendem exercer a profissão em Serviço hospitalar no ano seguinte a formatura.*

*Algumas conclusões sobre as características principais do estudante põem as enfermeiras educadoras diante de um panorama não muito otimista. Por um lado, a metade dos estudantes não teve preparação escolar adequada ao currículo das escolas de enfermagem e, por outro lado, uma mesma proporção trabalha para se manter no curso. O perfil do estudante traçado pela pesquisa, evidencia a emergência de problemas correlacionados, interferindo diretamente em seu rendimento escolar. Procurar resolvê-los dentro do âmbito próprio do ensino de enfermagem, afigura-se como a mais realista nas condições atuais. O caminho parece*

\* Auxiliar de Ensino da Disciplina Enfermagem Médica.

*ser o da realização de esforços por parte do corpo docente no sentido de pesquisar e determinar métodos e técnicas mais adequadas à presente realidade. Esta tarefa se impõe com toda urgência se se tem em conta a necessidade de se promoverem esforços para aumentar o aproveitamento escolar dos estudantes e, como resultado, a eficiência dos futuros profissionais.*

## INTRODUÇÃO

No Brasil, o ensino da enfermagem em nível superior tem pouco mais de dez anos, sendo, portanto, bastante recente. É certo que neste período houve acentuada modificação quanto ao tipo de estudante que procura ter acesso a este curso. De forma gradual, ele vem se diferenciando em função das perspectivas de uma profissão de nível universitário, bem como pela modificação de orientação que marcou o ensino superior neste período.

Manter atualizado um perfil do estudante universitário, será sempre um instrumento útil e necessário como subsídio à formulações curriculares e metodológicas. Preocupações de tal ordem são sentidas em outras áreas, a ponto de pesquisadores tentarem um diagnóstico acurado sobre as condições do estudante universitário. A esse respeito, realizaram-se no País pelo menos duas pesquisas — PASTORE & PEROSA (1971) e CASTRO (1968), que descreveram as características dos estudantes dos mais variados ramos do ensino superior, abrangendo igualmente o da enfermagem e proporcionando importantes subsídios para a sua caracterização.

Nesta ordem de fatos, não se poderia deixar de lado, como informação importante, a caracterização dos estudantes que hoje têm acesso às Escolas de Enfermagem. Considerando que parece ser válido atualizar os dados para a enfermagem, a autora se propõe a uma pesquisa nos moldes das mencionadas, abrangendo os estudantes dessa área de ensino no Estado de São Paulo.

Acredita ser válido rever se, em termos qualitativos e quantitativos, continuam a prevalecer as informações anteriormente obtidas, não obstante a ocorrência de novos fatores, como o aumento razoável do número de vagas nas Escolas de Enfermagem e o crescimento da procura. A título de exemplo cabe lembrar que, se na época das referidas pesquisas, apenas uma minoria de estudantes trabalhava em atividades remuneradas, hoje tal aspecto parece haver deixado de ser realidade. A atualização de informações dessa natureza deve possuir interesse a todos aqueles que, direta ou indiretamente, estão ligados à profissão.

No campo da aplicação prática, quantificando numerosas informações, tais como a disponibilidade de tempo do aluno para o estudo, razões da opção pelo curso, e expectativa de realização profissional e outros mais, a autora acredita que poderá fornecer elementos de valia para uma adequação de programas e de novos métodos de ensino, que melhor atendam às necessidades dos estudantes que hoje procuram as Escolas de Enfermagem.

## I — REVISÃO DA LITERATURA

CASTRO (1968) (coleta de dados em 1965), realizou pesquisa sobre “Caracterização sócio-econômica do estudante universitário”. Abrangeu uma população de 18.230 universitários cursando a primeira série de graduação nas diversas escolas superiores estabelecidas em dez capitais de Estados brasileiros. Os resultados apresentados fornecem uma visão global da população estudada e, também, por tipo de curso e por região considerada. Segundo o interesse da presente pesquisa, só se fará referências aos dados do estudante de enfermagem das quatro escolas localizadas na capital paulista, que compreendeu um total de 64 estudantes questionados e analisados entre os 4.505 universitários das 47 escolas superiores dessa capital.

PASTORE & PEROSA (1971) (coleta de dados em 1969), efetivaram pesquisa sobre “O estudante universitário em São Paulo”. Atingiu uma amostra de 7.127 alunos matriculados nas terceiras séries das diversas Faculdades do Estado de São Paulo. Dessa amostra faziam parte 67 estudantes de enfermagem, pertencentes às seis Escolas de Enfermagem existentes no Estado naquela época. Referências aos seus achados são feitas durante a análise e discussão deste trabalho.

## II — METODOLOGIA

### 1 — AMOSTRA ESTUDADA

Este trabalho baseou-se em dados provenientes de uma amostra de estudantes universitários de enfermagem das seis escolas do Estado de São Paulo (MEDEIROS — 1973), pesquisados no mês de novembro de 1973. A amostra em questão obedeceu a dois critérios básicos. O primeiro consistiu em selecionar alunos que estavam cursando, em 1973, o terceiro ano de todas as Escolas de Enfermagem paulistas. Escolheu-se o terceiro ano pelo fato de ser uma série quase terminal, constituída de estudantes com maior vivência universitária e, portanto, mais categorizados a opinar sobre suas perspectivas profissionais e a transmitir o seu ponto-de-vista acerca do mercado de trabalho que os aguarda.

O segundo critério adotado para a seleção da amostra foi o do aluno presente, ou seja, o universo dos terceiranistas presentes por ocasião da visita da pesquisadora nas Faculdades de Enfermagem do Estado de São Paulo e não o universo dos estudantes matriculados. Tomou-se a providência de realizar a coleta de dados em dias letivos regulares e em horários intercalados dentro do período de aula, a fim de se atingir maior número de estudantes. Dois fatores, porém, vieram dificultar esse intento:

a) A época da coleta, para dois terços das escolas, foi próxima ao fim do curso, estando os alunos muito dispersos com os exames finais e preparativos de formatura.

b) Nem sempre conseguiu-se que a direção das escolas permitisse a visita nos horários favoráveis. Esse fato se registrou em duas escolas que marcaram a coleta para após o período de aula, contrariando a insistência para que tal não ocorresse; o número de alunos ausentes foi relativamente grande, como mostra o quadro 1. O mesmo não sucedeu nas demais, que autorizaram as visitas no horário de aula, tendo-se, então, uma presença significativa, que chegou mesmo a 100% em uma delas.

QUADRO 1  
DADOS PARA CONTROLE DA AMOSTRA

Escolas	Total alunos 1973	Matriculados no 3.º ano	Desistentes do 3.º ano	Cursando o 3.º ano	Presentes	Amostra
I — Universidade de São Paulo						
1 — Escola A	304	57	2	55	47	47
2 — Escola B	144	34	1	33	18	18
II — Pontifícia Universidade Católica						
3 — Escola C	77	15	—	15	15	15
III — Estabelecimentos isolados						
4 — Escola D	140	29	—	29	19	19
5 — Escola E	90	30	1	29	26	26
6 — Escola F	138	34	1	33	25	25
<b>TOTAL</b>	<b>893</b>	<b>199</b>	<b>5</b>	<b>194</b>	<b>150</b>	<b>150</b>

Considerando-se as restrições e critérios mencionados, realizou-se o trabalho com uma amostra de 150 estudantes (16% da população total),

que representam cerca de 77,3% da população matriculada no terceiro ano de graduação nas Faculdades de Enfermagem paulistas no final de 1973.

## 2 — INSTRUMENTO

Os dados deste trabalho foram coletados através de um questionário contendo 39 perguntas (Anexo 1), no qual se tomou por base alguns quesitos aplicados na pesquisa de PASTORE & PEROSA (1971), que sistematizaram rigorosamente os itens necessários ao tipo de levantamento. Esses autores, por sua vez, salientam que essa tarefa foi em grande parte facilitada pela adaptação de um instrumento de coleta elaborado em julho de 1969 pelos professores Oracy Nogueira e Aparecida Joly Gouveia. Foi tomado por base também o questionário aplicado em 1965 na pesquisa de CASTRO (1968).

Pré-testou-se o questionário em dez alunos de uma das Faculdades de Enfermagem da capital em fins de outubro de 1973, tendo ele sofrido algumas correções (houve exclusões e adaptações de perguntas). Esses dez alunos foram escolhidos ao acaso, em uma classe que cursava o final do segundo ano de graduação, grupo semelhante ao da amostra.

Os itens pesquisados podem ser agrupados nas seguintes categorias:

1 — Dados demográficos — Idade cronológica; -sexo; estado civil.

2 — Origem sócio-econômica — Procedência e mobilidade geográfica; nível de instrução dos pais; situação ocupacional e econômica dos pais.

3 — Vida escolar — Intervalo entre os cursos médio e superior; curso de segundo ciclo concluído; frequência a “cursinhos” preparatórios para o vestibular à Faculdade de Enfermagem; vestibulares para outros cursos; número de vezes que prestou vestibular para enfermagem; frequência a outro curso superior.

4 — Situação econômica atual do estudante — Ocupação remunerada; motivos que o levaram a exercer atividade remunerada; tipo de auxílio financeiro que recebe; sua contribuição financeira para o orçamento familiar; posse de carro pelo estudante; renda mensal oriunda de mesada e de salário; despesas anuais com o curso.

5 — Requisitos para aproveitamento escolar — Adequação do trabalho ao tipo de curso que faz; número de horas semanais de trabalho; tempo médio mensal de aulas expositivas, de seminários, de aulas práticas e de estágios; tempo médio semanal de estudo em casa e na biblioteca; tempo gasto, em média, no percurso de sua residência à Faculdade.

6 — Aspiração e informação sobre a carreira — Razões que o levaram a optar pelo curso; grau de auto-realização no curso; informações referentes às oportunidades de trabalho a que a profissão conduz; pretensão de exercício profissional no ano seguinte à formatura.

Ao término do questionário acrescentou-se o tópico “Comentários e observações”, visando a permitir ao aluno expressar-se livremente após solicitado a responder a série de questões predeterminadas.

## 3 — APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO

A coleta de dados foi efetivada pela própria autora, em todas as escolas, durante a primeira quinzena do mês de novembro de

1973. Adotou-se a sistemática de distribuir os questionários nas salas de aula e de recolhê-los imediatamente após o seu preenchimento, não se limitando o tempo disponível para as respostas. Deu-se preferência a tal sistema de coleta de dados, porque a distribuição com devolução posterior pelo próprio informante poderia acarretar perda elevada de questionários.

Por ocasião da aplicação dos questionários, inicialmente procurava-se motivar os estudantes explicando-lhes o propósito do estudo e pedindo sua colaboração. No primeiro grupo de coleta comentou-se os pontos mais complexos antes que começassem a responder. Logo depois de preenchidos, os questionários foram rapidamente verificados, havendo a necessidade de devolver alguns aos seus informantes, pois certas respostas foram dadas de maneira incompleta.

Resolveu-se, então, a partir desse primeiro grupo, fazer com que as questões fossem respondidas uma a uma, sendo ao mesmo tempo explicadas de modo a padronizar o estímulo. E a cada pergunta inquiria-se os informantes sobre dúvidas que porventura ainda existissem. Com esse procedimento, tentou-se eliminar os erros de interpretação e tornar os estímulos uniformes.

Havia seis Faculdades para visitar, mas como, no período da coleta, os alunos eram divididos em grupos cursando mais de uma especialidade, na realidade contou-se com dez grupos. Procurou-se criar condições idênticas em todos eles: a mesma motivação, o mesmo aplicador, os mesmos estímulos para cada quesito.

De modo geral, o questionário foi recebido com grande interesse por parte dos estudantes presentes e nenhum deles se negou a colaborar. Por parte das escolas houve pronta autorização para a aplicação do questionário, em algumas até mesmo providências das diretoras, destacando professores ou funcionários para acompanhar a entrevistadora, auxiliando-a e introduzindo-a aos alunos, o que facilitou seu trabalho. As informações sobre o número de alunos cursando e desistentes, taxas e mensalidades, carga horária, etc. foram fornecidas sem nenhuma restrição pela secretaria das escolas. Alguns professores e alunos solicitaram resultados da pesquisa em apreço, mostrando interesse em conhecer melhor os estudantes e seus problemas. Nas partes que se seguem são apresentados os resultados obtidos.

### III — CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDANTE DE ENFERMAGEM

Nesta parte pretende-se oferecer uma visão global da população universitária paulista matriculada nas terceiras séries de graduação das Faculdades de Enfermagem existentes no Estado de São Paulo, em 1973.

As informações obtidas são analisadas a seguir, obedecendo os seguintes aspectos: dados demográficos, origem sócio econômica, vida escolar, situação econômica atual, requisitos para aproveitamento escolar, aspiração e informação sobre a carreira que pretende seguir.

## 1 — DADOS DEMOGRÁFICOS

A distribuição dos estudantes questionados pelas cidades do Estado pode ser vista no quadro 2.

QUADRO 2  
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO DE ESTUDANTES DE  
ENFERMAGEM

CIDADE	FREQÜÊNCIA	%
São Paulo	117	78
Ribeirão Preto	18	12
Sorocaba	15	10
TOTAL	150	100

Do total da amostra, 78% cursavam as Faculdades de Enfermagem da capital paulista, onde se localizam dois terços das existentes no Estado; 22% correspondiam a estudantes de Faculdades do Interior. Considerando-se o número total de alunos cursando o terceiro ano das Escolas de Enfermagem do Estado, 67,3% achavam-se matriculados nos estabelecimentos da capital e 32,7% nos do Interior.

## 1.1 — SEXO

Quase toda a população é do sexo feminino. Embora existam variações percentuais locais, encontrou-se 94,7% de mulheres e 4,7% de homens, conforme indica o quadro 3.

QUADRO 3  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES POR SEXO

SEXO	FREQÜÊNCIA	%
Feminino	142	94,7
Masculino	7	4,7
Sem resposta	1	0,6
TOTAL	150	100,0

CASTRO (1968) assinala em seu trabalho o predomínio quase absoluto do sexo feminino entre os estudantes de enfermagem, assim distribuídos: Escola de Enfermagem de São Paulo, 96,96%; Escola de Enfermagem Lauriston Job Lane, 80%; Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo e Escola de Enfermagem São José, 100%.

PASTORE & PEROSA (1971) relatam ter encontrado entre os universitários de enfermagem uma presença 100% feminina.

Nota-se certa tendência, ainda que pouco pronunciada, de aumento da procura do curso por elementos do sexo masculino. A verdade é que, provavelmente por força de tradição, o ramo da enfermagem ainda não atrai os homens, diferentemente do que acontece em outros ramos da população universitária brasileira, onde aproximadamente dois terços é do sexo masculino CASTRO (1968) e PASTORE e Outros (1970).

## 1.2 — IDADE

Verifica-se que os alunos de enfermagem se enquadram na categoria de estudantes com escolaridade normal. Registra-se a proporção de 68,1% na faixa de 20 a 25 anos, cabendo destacar a apreciável concentração — 34,7% — na de 22 a 23 anos (quadro 4). Já com relação aos estudantes com 26 anos ou mais, pode-se presumir que sofreram atraso (reprovações ou interrupções) em sua vida escolar, devendo-se descartar a hipótese de realização de outro curso superior anterior ao de enfermagem, conforme se depreende dos dados sobre “Frequência a outros cursos universitários”.

QUADRO 4  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES POR IDADE

IDADE	FREQÜÊNCIA	%
20 — 21	25	16,7
22 — 23	52	34,7
24 — 25	25	16,7
26 — 27	15	10,0
28 — 29	11	7,3
30 — 40	14	9,3
41 ou mais	6	4,0
Sem resposta	2	1,3
TOTAL	150	100,0

PASTORE & PEROSA (1971) registram em seu trabalho que 79% dos terceiranistas de enfermagem enquadravam-se na faixa de 20 a 25 anos e apenas 10,5% na de 26 a 29 anos, enquanto 10,5% ultrapassaram a faixa dos 30 anos.

CASTRO (1968) descreve a média de idades para estudantes de enfermagem da primeira série oscilando entre 21,12 e 24,58 anos, de acordo com as escolas estudadas.

## 1.3 — ESTADO CIVIL

É pequeno o número de estudantes casados (10,7%), constituindo os solteiros a grande maioria (88,7%), como revela o quadro 5.

QUADRO 5  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES POR ESTADO CIVIL

ESTADO CIVIL	FREQÜÊNCIA	%
Solteiros	133	88,7
Casados	16	10,7
Sem resposta	1	0,6
TOTAL	150	100,0

Tal situação possivelmente possa ser atribuída ao fato de os cursos de enfermagem, ministrados em regime de tempo integral, limi-

tarem a freqüência de indivíduos já engajados em atividades profissionais e domésticas, como, em geral, é o caso dos casados.

Pela observação, sabe-se que os cursos de meio período e principalmente os que mantêm classes noturnas, são os que propiciam maiores possibilidades para tal tipo de estudantes, PASTORE & PEROSA (1971). Dai talvez a razão de permanecer elevada a incidência de alunos solteiros no ramo da enfermagem, compatível com a situação dos universitários em geral. Segundo PASTORE & PEROSA (1971) essa incidência é de 17,2%, o que fez afirmar que “a maioria dos estudantes só se casará quando terminar o curso, ou, se o fizer antes, tende a interromper os estudos”.

## 2 — ORIGEM SÓCIO-ECONÔMICA DOS ESTUDANTES

### 2.1 — PROCEDÊNCIA E MOBILIDADE GEOGRÁFICA

Entre os dados que possibilitam caracterizar o estudante de enfermagem, julgou-se necessário descrever a mobilidade geográfica de três gerações, através do estudo da origem dos avós, dos pais e dos próprios estudantes. Verificou-se que 24,3% dos avós são japoneses, 18,5% latinos (Espanha, Portugal, França, Itália, Bolívia e Perú) e 1,8% alemães. O total de avós estrangeiros atingiu a 48,4%, contra 46,7% de avós brasileiros, como se pode inferir do quadro 6.

QUADRO 6  
DISTRIBUIÇÃO DOS AVÓS SEGUNDO A NACIONALIDADE

NACIONALIDADE	FREQÜÊNCIA	%
Brasileiros	280	46,7
Japoneses	146	24,3
Latinos	111	18,5
Alemães	11	1,8
Sírio-libaneses	6	1,0
Outros	17	2,8
Não sabem	25	4,2
Sem resposta	4	0,7
TOTAL	600	100,0

Pelo exposto observa-se que praticamente a metade dos terceiranistas de enfermagem é constituída de netos de estrangeiros. É interessante assinalar que entre os avós estrangeiros há acentuada predominância de japoneses, 53,8%. Tal incidência de netos japoneses nas Escolas de Enfermagem chama a atenção quando se considera a população universitária paulista, na qual de acordo com PASTORE & PEROSA (1971), apenas 8,9% descendiam de avós orientais — China e Japão.

Como salientam diversos autores, a instrução superior pode ser considerada como um indicador de ascensão social. A possibilidade de ter um filho na faculdade levaria à modificação do prestígio social dos pais, o que, talvez, explique, entre os japoneses, a pressão familiar para manter o filho em escolas de nível superior. A pesquisa não reúne condi-

ções para detetar a que fatos sociais ou culturais estaria vinculada essa tendência na procura pelo curso de enfermagem, cabendo, aqui, outro estudo possível de esclarecer o assunto.

As características de nacionalidade dos pais dos estudantes se alteram significativamente. Encontrou-se as proporções de 65,4% de pais brasileiros, 27,3% de pais estrangeiros e 7,3% em que um dos genitores é brasileiro e o outro estrangeiro (quadro 7).

QUADRO 7  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO A  
NACIONALIDADE DOS PAIS

NACIONALIDADE	FREQÜÊNCIA	%
Brasileiros	98	65,4
Pai e mãe estrangeiros	41	27,3
Pai estrangeiro e mãe brasileira	6	4,0
Pai brasileiro e mãe estrangeira	5	3,3
TOTAL	150	100,0

CASTRO (1968) assinala na Escola de Enfermagem de São Paulo a incidência de 57,57% de pais estrangeiros.

PASTORE & PEROSA (1971) salientam maior incidência de avós estrangeiros — 68% — e menor de pais estrangeiros — 24,7%. Apresentam, porém, esses dados dentro da amostra geral, sem especificação para os estudantes de enfermagem, impossibilitando uma comparação com os informes atuais.

Tendo em conta o total de informantes, constata-se que 92,7% dos alunos de enfermagem nasceram no Brasil e 6% são de procedência estrangeira (quadro 8). Entre os brasileiros, 76,3% provém do próprio Estado e 23,7% são oriundos de onze unidades da Federação, sendo que entre estes últimos chama a atenção a migração de estudantes de Minas Gerais, que atinge o índice de 36,4%.

QUADRO 8  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO A ORIGEM

ORIGEM	FREQÜÊNCIA	%
Estado de São Paulo	106	70,7
Outros Estados	33	22,0
Estrangeiros	9	6,0
Sem resposta	2	1,3
TOTAL	150	100,0

A mobilidade geográfica pode igualmente ser evidenciada quando se dispõem de informações sobre o local onde o estudante conclui o segundo ciclo (quadro 9).

**QUADRO 9**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO O LOCAL DE**  
**CONCLUSÃO DO SEGUNDO CICLO**

LOCAL	FREQÜÊNCIA	%
Na cidade onde está a Faculdade	84	56,0
Em outra cidade do Estado de		
São Paulo	48	32,0
Em outros Estados	16	10,7
No Exterior	2	1,3
<b>TOTAL</b>	<b>150</b>	<b>100,0</b>

Verifica-se, pelo quadro, que 56% continuaram na mesma cidade em que terminaram o segundo ciclo, ao passo que 44% se mudaram para outras localidades.

PASTORE & PEROSA (1971) ressaltam que de dezesseis cursos universitários estudados, o de enfermagem ocupou o quinto lugar entre os que mais provocavam deslocamento dos estudantes — 61,2% — dentro do próprio Estado. No mesmo trabalho assinalam igualmente que o curso de enfermagem é o que atrai maior número de alunos — 18% — de outros Estados.

Comparando os achados atuais com os dados obtidos por PASTORE & PEROSA (1971), nota-se marcante tendência à diminuição do deslocamento estudantil, tanto dentro do Estado como de outras unidades da Federação para São Paulo. Parece provável, como se verá adiante, que essa propensão se deva, em parte, ao fato de se haver extinguido o alojamento escolar, regalia que praticamente só a enfermagem possuía em confronto com outros ramos. A erradicação de tal vantagem diminui a mobilidade geográfica dos universitários de enfermagem? Cabe, aqui, igualmente, um estudo capaz de acompanhar o fenômeno nos anos que se seguirão.

Informações sobre o local de residência dos estudantes durante o ano letivo revelaram que praticamente a metade — 55,4% — reside com a família (pais, cônjuge, parentes), enquanto 37,6% são “independentes” (vivem em repúblicas, pensões, pensionatos ou sozinhos) e 7,3% utilizam-se de alojamento universitário (quadro 10).

**QUADRO 10**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO O LOCAL DE**  
**RESIDÊNCIA DURANTE O ANO LETIVO**

RESIDÊNCIA	FREQÜÊNCIA	%
Com os pais	54	36,0
Em república de estudantes	29	19,3
Com o cônjuge	15	10,0
Com parentes	13	8,7
Em pensão	11	7,3
Em alojamento universitário	11	7,3
Em pensionato	9	6,0
Sozinho	7	4,7
Com pais e parentes	1	0,7
<b>TOTAL</b>	<b>150</b>	<b>100,0</b>

Cumpra informar que das seis escolas pesquisadas apenas uma mantém alojamento universitário; em outras duas encontraram-se alguns alunos residentes devido ao fato de pertencerem à Congregação Religiosa que as administra.

Quanto ao local de moradia dos pais, o estudo revelou que 46% deles residem na mesma cidade onde o filho estuda, 53,3% moram em outras localidades ou são falecidos (quadro 11).

QUADRO 11  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO A  
MORADIA DOS PAIS

MORADIA DOS PAIS	FREQÜÊNCIA	%
Em outra cidade	72	48,0
Na mesma cidade	69	46,0
Falecidos	8	5,3
Sem resposta	1	0,7
TOTAL	150	100,0

Comparando tais dados com os da pergunta anterior, infer-se que os universitários de enfermagem quase sempre residem com os pais, a menos que vivam em cidades diferentes.

CASTRO (1968) aponta uma alta proporção de genitores que não residem na cidade em que o filho estuda: na Escola de Enfermagem de São Paulo, 60,60% dos pais e 57,57% das mães; na Escola de Enfermagem São José, 50% dos pais e 83% das mães; na Escola de Enfermagem Lauriston Job Lane, 40% dos pais e mães; e na Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo, 35,71% dos pais e 28,57% das mães.

Cabe frisar que as Escolas de Enfermagem daquela época propiciavam alojamento, na maior parte das vezes gratuito, atraindo, assim, grande número de estudantes de fora. Hoje apenas uma das escolas oferece hospedagem, porém não gratuita, o aluno tem meios de pagar porque recebe bolsa-de-estudo da própria instituição, com a responsabilidade de repô-la após formado.

## 2.2 — NÍVEL DE INSTRUÇÃO DOS PAIS

No que diz respeito ao nível de instrução dos genitores dos terceiranistas de enfermagem, constata-se (quadro 12) que 89,3% descendem de genitor sem instrução universitária; 1,3% dos pais são analfabetos; 59,3% só frequentaram escola primária (completa ou incompleta); 18% cursaram até o primeiro ciclo; 8% fizeram até o segundo ciclo; e 2,7% ingressaram em curso superior, porém não o concluíram. Apenas 9,3% dos pais possuem nível superior completo.

**QUADRO 12**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO O NÍVEL DE**  
**INSTRUÇÃO DO PAI**

INSTRUÇÃO DO PAI	FREQUÊNCIA	%
Analfabeto	2	1,3
Primário incompleto	44	29,3
Primário completo	45	30,0
Primeiro ciclo incompleto	16	10,7
Primeiro ciclo completo	11	7,3
Segundo ciclo incompleto	5	3,3
Segundo ciclo completo	7	4,7
Superior incompleto	4	2,7
Superior completo	14	9,3
Não sabem e sem resposta	2	1,4
<b>TOTAL</b>	<b>150</b>	<b>100,0</b>

PASTORE & PEROSA (1971) assinalam não haver encontrado nenhum pai de estudante de enfermagem analfabeto ou com curso superior completo, e que 26,9% chegaram ao primário, 38,8% ao primeiro ciclo, 11,9% ao segundo ciclo e 6% ao curso superior incompleto; 16,4% não informaram (pág. 180).

CASTRO (1968), focalizando os estudantes de enfermagem no grupo de universitários paulistas, apresenta a mais alta proporção de pais com nível de escolaridade elementar: Escola de Enfermagem Lauriston Job Lane, 40%; Escola de Enfermagem São José, 58,32%; Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo, 47,9%.

Os dados referentes ao grau de instrução das genitoras dos estudantes revelam algumas variações: 91,4% descendem de mães sem instrução universitária, 5,4% das mães são analfabetas, 58,7% cursaram só até a escola primária (completa ou incompleta), 15,3% frequentaram até o primeiro ciclo e 12% fizeram até o segundo ciclo; somente 4% têm curso superior completo (quadro 13).

**QUADRO 13**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO O**  
**NÍVEL DE INSTRUÇÃO DAS MÃES**

INSTRUÇÃO DAS MÃES	FREQUÊNCIA	%
Analfabeta	8	5,4
Primário incompleto	40	26,7
Primário completo	48	32,0
Primeiro ciclo incompleto	14	9,3
Primeiro ciclo completo	9	6,0
Segundo ciclo incompleto	3	2,0
Segundo ciclo completo	15	10,0
Superior completo	6	4,0
Não sabem e sem resposta	7	4,6
<b>TOTAL</b>	<b>150</b>	<b>100,0</b>

CASTRO (1968) destaca haver “um maior número de genitoras com instrução limitada à escola elementar: Escola de Enfermagem de São Paulo, 57,57%; Escola de Enfermagem Lauriston Job Lane, 80%; Escola de Enfermagem São José, 74,99%; Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo, 71,41%.”

PASTORE & PEROSA (1971) salientam não ter encontrado nenhuma mãe de estudante de enfermagem analfabeta ou com curso superior completo, enquanto 31,3% atingiram o primário, 46,3% o primeiro ciclo, 1,5% o segundo ciclo e 9% o nível superior incompleto.

Considerando a instrução universitária como indicador de ascensão de “status” sócio-econômico, pode-se afirmar que a maioria dos estudantes sofreu um “processo de mobilidade vertical” em relação aos seus genitores.

## 2.3 — SITUAÇÃO OCUPACIONAL E ECONÔMICA DOS PAIS

### 2.3.1 — OCUPAÇÃO DO PAI

A pesquisa revelou, como se pode observar no quadro 14, ser a seguinte a situação de emprego do pai do estudante de enfermagem: 58,7% trabalham por conta própria (com ou sem empregados, sócios ou donos de firmas) e 35,3% como empregados ou de particulares ou do governo.

QUADRO 14  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO A  
SITUAÇÃO DO PAI NO TRABALHO

SITUAÇÃO DO PAI NO TRABALHO	FREQÜÊNCIA	%
Por conta própria, sem empregados	44	29,3
Por conta própria, com empregados	31	20,7
Funcionário público	29	19,3
Empregado de firma particular	24	16,0
Sócio ou dono de firma	13	8,7
Outro	6	4,0
Não sabem e sem resposta	3	2,0
TOTAL	150	100,0

Os dados apresentados permitem concluir ser alta a proporção — 58,7% — dos que trabalham por conta própria, contra apenas 35,3% que são empregados ou de empresas particulares ou do governo. Combinando tais informes com os apresentados no quadro 17, que mostra que a metade das famílias tem renda inferior a dois mil cruzeiros, e com os do quadro 18, o qual revela que 74% dos pais dos estudantes possuem residência própria, pode-se constatar uma tendência das Escolas de Enfermagem em receber alunos cujos pais se situam nas camadas médias da população e que trabalham por conta própria.

## 2.3.2 — OCUPAÇÃO DA MÃE

A maioria das mães — 64,7% — não exerce ocupação remunerada, ao passo que 20,7% trabalham, como mostra o quadro 15.

QUADRO 15  
ATIVIDADE EXERCIDA PELA MÃE DOS ESTUDANTES DE  
ENFERMAGEM PAULISTAS

ATIVIDADE DA MÃE	FREQÜÊNCIA	%
Não trabalham	97	64,7
Trabalham	31	20,7
Falecidas	14	9,3
Aposentadas	7	4,7
Sem resposta	1	0,6
TOTAL	150	100,0

CASTRO (1968), referindo-se à ocupação materna, assinala que na Escola de Enfermagem de São Paulo e na Escola de Enfermagem Lauriston Job Lane 63,63% e 60% das mães, respectivamente, não exerciam atividades remuneradas.

Confrontando esses informes com os atuais, nota-se que a situação em nada se alterou, o que parece indicar que ainda é válida a tradição cultural de que “a mulher deve dedicar-se exclusivamente às tarefas domésticas”.

## 2.3.3 — OCUPAÇÃO DO ESTUDANTE

O quadro 16 indica que 55,4% dos estudantes de enfermagem não trabalhavam antes de ingressar na faculdade e que 43,3% trabalhavam.

QUADRO 16  
ATIVIDADE PROFISSIONAL EXERCIDA PELOS ESTUDANTES  
ANTES DE INGRESSAR NA FACULDADE

TRABALHO DO ESTUDANTE	FREQÜÊNCIA	%
Não trabalhavam	83	55,4
Trabalhavam	65	43,3
Sem resposta	2	1,3
TOTAL	150	100,0

PASTORE & PEROSA (1971) ponderam que “no curso de enfermagem houve um decréscimo significativo, ou seja, antes de ingressar na faculdade a porcentagem dos que exerciam atividades remuneradas era de 43,3%, passando a ser de apenas 9% no período posterior”.

Na época da pesquisa de PASTORE & PEROSA, as Escolas de Enfermagem forneciam alojamento, quase sempre gratuito. Talvez se deva a isso o fato de um grande número de estudantes deixar o emprego quando de seu ingresso no curso. Outro motivo, igualmente provável, diz respeito ao período integral do curso, que não lhes proporcionava tempo para continuar no emprego.

Os informes atuais mostram que o alojamento escolar foi praticamente extinto e que a porcentagem dos que trabalham durante o curso — 57,9% — (quadro 24) é bastante elevada em relação ao índice — 9% — registrado naquela época. Isto sugere que a supressão da residência escolar se constitui em um dos prováveis fatores que respondem pela mudança da situação.

Outro aspecto que parece interligado ao panorama é o nível de renda mensal da família. Quase a metade — 41,4% — das famílias situa-se na faixa inferior a dois mil cruzeiros. Daí, provavelmente, a necessidade de o estudante trabalhar para suprir suas despesas pessoais, inobservadas quando da existência de alojamento escolar. Tal fato apresenta reflexos evidentes no aproveitamento escolar dos alunos, como se vê no quadro 32, onde 37,2% dos que trabalham o fazem por período superior a sete horas diárias.

#### 2.3.4 — RENDA MENSAL DA FAMÍLIA

As informações sobre a renda familiar apontam que 41,4% vivem com receita inferior a dois mil cruzeiros mensais e 17,3% com mais de quatro mil cruzeiros/mês (quadro 17).

#### QUADRO 17

##### DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO A RENDA MENSAL DA FAMÍLIA

RENDA MENSAL FAMILIAR (CR\$)	FREQÜÊNCIA	%
Menos de 1.000	29	19,4
De 1.000 a 1.999	33	22,0
De 2.000 a 2.999	18	12,0
De 3.000 a 3.999	17	11,3
Mais de 4.000	26	17,3
Não sabem e sem resposta	21	14,0
Falecidos	6	4,0
TOTAL	150	100,0

#### 2.3.5 — RESIDÊNCIA DOS PAIS

No que concerne ao tipo de moradia dos pais dos terceiristas de enfermagem, encontrou-se uma porcentagem alta — 74% que possui moradia própria, contra 20% que habitam em residências alugadas (quadro 18).

**QUADRO 18**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO O**  
**TIPO DE RESIDÊNCIA DOS PAIS**

TIPO DE RESIDÊNCIA	FREQÜÊNCIA	%
Própria	111	74,0
Alugada	30	20,0
Sem resposta e falecidos	9	6,0
<b>TOTAL</b>	<b>150</b>	<b>100,0</b>

CASTRO (1968) assinala que na Escola de Enfermagem Lauriston Job Lane 60% dos primeiranistas disseram que suas famílias não possuíam casas e 100% declararam não serem proprietárias de apartamentos. Para a Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo tais proporções foram de 42,85% e 92,85%, respectivamente.

### 3 — VIDA ESCOLAR

Nesta parte analisam-se as informações referentes à vida escolar do estudante de enfermagem, traçando um quadro geral que o defina quanto ao curso de segundo ciclo concluído, intervalo entre os cursos médio e superior, freqüência a “cursinhos”, número e tipo de vestibulares prestados e freqüência a outros cursos universitários.

#### 3.1 — CURSO DE SEGUNDO CICLO

Ao se estudar a distribuição dos universitários de enfermagem conforme o curso de segundo ciclo que concluíram (quadro 19), pode-se dividi-los em três grupos. No primeiro estão os que completaram os cursos normal, comercial, industrial e clássico (40,1%); no segundo, situam-se os que fizeram o curso científico (44%); e no terceiro os que para ingressar nas Escolas de Enfermagem fizeram o curso de maturidade (9,3%). É interessante assinalar que 6,6% concluíram mais de um tipo de curso.

**QUADRO 19**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO O CURSO DE**  
**SEGUNDO CICLO QUE CONCLUÍRAM**

CURSO	FREQÜÊNCIA	%
Científico	66	44,0
Normal	45	30,0
Madureza	14	9,3
Clássico	7	4,7
Comercial	7	4,7
Industrial	1	0,7
Mais de um tipo	10	6,6
<b>TOTAL</b>	<b>150</b>	<b>100,0</b>

Cabe destacar a alta incidência de normalistas na procura do curso de enfermagem. Pelo currículo das Escolas de Enfermagem, o ideal seria que os estudantes procedessem do curso científico. Tal fato, porém, não se verificou com 49,4% dos terceiranistas, oriundos dos cursos normal, industrial, comercial, clássico e madureza. Na realidade, isso leva à suposição de que estes estudantes não tiveram no segundo ciclo determinadas matérias básicas, consideradas necessárias nas disciplinas de enfermagem. Neste aspecto residem, provavelmente, os problemas de assimilação do ensino das disciplinas de enfermagem, pois que devem ter tido tais matérias no "cursinho" (79,4%), o que não representa, no entanto, nenhuma garantia de assimilação.

### 3.2 — INTERVALO ENTRE OS CURSOS MÉDIO E SUPERIOR

Do total de informantes, 50% se matricularam na Faculdade de Enfermagem no ano subsequente à conclusão do curso de segundo ciclo, não tendo registrado, pois, defasagem entre as escolas média e superior (quadro 20). Do restante, 46,7% acusaram intervalo de tempo, distribuindo-se em dois grupos: a) que esperaram de um a dois anos (31,4%) e que, portanto, sofreram atraso; e b) que esperaram mais de dois anos (15,3%), atrasando-se em demasia.

QUADRO 20  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO O TÉRMINO DO  
SEGUNDO CICLO E INGRESSO NA FACULDADE

INGRESSO	FREQÜÊNCIA	%
No ano seguinte	75	50,0
Um ano depois	35	23,4
Dois anos depois	12	8,0
Três anos depois	12	8,0
Quatro anos depois	5	3,3
Cinco anos depois	1	0,7
Oito anos depois	2	1,3
Nove anos depois	1	0,7
Dez anos depois	2	1,3
Sem resposta	5	3,3
TOTAL	150	100,0

CASTRO (1968) informa que 69,69% dos estudantes de enfermagem da Escola de Enfermagem de São Paulo; o mesmo não aconteceu na Escola de Enfermagem Lauriston Job Lane, onde 80% deles indicaram intervalo entre os níveis médio e superior.

PASTORE & PEROSA (1971) mostram que entre os alunos de enfermagem 40,3% ingressaram direto na faculdade, 40,2% sofreram defasagem de um a dois anos e, finalmente, 12% ficaram mais de dois anos sem estudar.

Estes aspectos podem ser explicados, entre outros fatores, pelo nível de exigência dos exames vestibulares, os quais podem variar

pelo tipo de segundo ciclo que os estudantes frequentaram ou mesmo pelo afastamento da escola durante um certo número de anos.

### 3.3 — FREQUÊNCIA A “CURSINHOS”

A maioria — 79,4% — dos estudantes pesquisados frequentou “cursinhos”, enquanto 20% ingressaram na faculdade sem a necessidade de fazê-los (quadro 21).

QUADRO 21  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO A  
FREQUÊNCIA A “CURSINHOS”

FREQUÊNCIA	FREQUÊNCIA	%
Sim	119	79,4
Não	30	20,0
Sem resposta	1	0,6
TOTAL	150	100,0

CASTRO (1968) relata que em apreciável número de escolas os alunos tinham cursos preparatórios para o exame vestibular. Cita a Escola de Enfermagem Lauriston Job Lane, onde 100% dos estudantes tinham tal tipo de curso.

PASTORE & PEROSA (1971) mostram que 52,2% dos terceiranistas de enfermagem frequentaram “cursinhos” e entre eles 25,7% o fizeram durante um ano, 5,7% durante dois anos e 68,6 por menos de um ano.

Sobre o número de vezes que o estudante prestou exame vestibular para o curso de enfermagem, a pesquisa evidenciou que 88% dos terceiranistas o efetuaram uma vez, 7,4% duas vezes e 2% três vezes (quadro 22).

QUADRO 22  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO O NÚMERO DE  
VEZES QUE PRESTARAM VESTIBULAR PARA O  
CURSO DE ENFERMAGEM

NÚMERO DE VEZES	FREQUÊNCIA	%
Uma vez	132	88,0
Duas vezes	11	7,4
Três vezes	3	2,0
Nenhuma vez	2	1,3
Sem resposta	1	1,3
TOTAL	150	100,0

É importante salientar que dois estudantes — 1,3% — afirmaram não ter prestado vestibular para enfermagem, pelo fato de serem obstetrizas e estarem frequentando a terceira série para complementação do curso de enfermagem.

Conhecendo a quantidade de vezes que os estudantes prestaram vestibular, é possível ter-se uma idéia das dificuldades que encon-

tram para ingressar nas Escolas de Enfermagem. A pesquisa mostrou que a maioria — 88% — conseguiu ser aprovada na primeira tentativa, o que parece indicar a existência de certa facilidade em relação a outros ramos, como a medicina e a arquitetura onde 45,2% e 30,5% dos alunos, respectivamente, realizaram mais de duas tentativas para ingressar (PASTORE & PEROSA, 1971).

### 3.4 — VESTIBULAR PARA OUTRO CURSO

Os dados auferidos mostram que 59,4% dos estudantes de enfermagem não prestaram vestibular para outro curso, enquanto 40,6% o fizeram (quadro 23). Dos que optaram por outro curso, 37,8% o efetivaram por medicina e 62,2% por profissões afins ou não à enfermagem.

QUADRO 23  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES QUE PRESTARAM  
VESTIBULAR PARA OUTRO CURSO

VESTIBULAR PARA OUTRO CURSO	FREQÜÊNCIA	%
Não prestaram	89	59,4
Prestaram (reprovados)	35	23,3
Prestaram (aprovados)	26	17,3
TOTAL	150	100,0

PASTORE & PEROSA (1971) apontam como “grau de certeza” que os estudantes possuem de sua opção por um determinado ramo, o fato de terem ou não realizado vestibular para outro curso. Entre os alunos de enfermagem, 32,8% fizeram vestibular para outro ramo, ao lado de 67,2% que assim não procederam. Os estudantes de letras apresentaram maior “grau de certeza”: 87% não prestaram exames vestibulares para outro curso.

Parte ponderável — 40,6% — dos estudantes que ingressaram no curso de enfermagem não o efetivou em primeira opção. No entanto, quando inquiridos sobre as razões de sua escolha pelo ramo (quadro 38), 64,6% alegaram “inclinação pela profissão”.

Pode-se sugerir algumas explicações. Têm-se dois grupos dos que prestaram vestibular para outros cursos: a) os que não tendo conseguido aprovação (23,3%) deslocaram-se para a enfermagem; e b) os que, embora aprovados (17,3%), decepcionaram-se com a escolha, procurando então a enfermagem.

Interpretando os informes sobre a satisfação dos estudantes com relação ao curso, encontraram-se os seguintes resultados: 84,7% mostraram-se satisfeitos, destes embora 65,4% não tenham mudado de idéia desde o início, 19,3% não pretendiam fazer o curso inicialmente, mas agora estão satisfeitos, 12% decepcionaram-se com a escolha, e 1,3% alegaram não ser a profissão que desejavam e não mudaram de pensamento (quadro 39). Associando-se as duas últimas opiniões, chega-se à conclusão de que, não obstante 40,6% dos alunos não ingressassem por primeira opção, apenas 13,3% dos terceiranistas de enfermagem se sentem frustrados na carreira antes mesmo de nela ingressar.

### 3.5 — FREQUÊNCIA A OUTROS CURSOS UNIVERSITÁRIOS

Conquanto diversos estudantes de enfermagem tenham prestado vestibular para outros cursos e alguns deles — 17,3% — tenham sido aprovados, todos — 100% — afirmaram não estar cursando outra escola superior.

Dos informantes, somente, 1,3% tinha completado outro curso superior (duas obstetrizes fazendo complementação para o curso de enfermagem). Os trabalhos consultados nada informam a este respeito.

## 4 — SITUAÇÃO ECONÔMICA ATUAL DO ESTUDANTE

### 4.1 — OCUPAÇÃO REMUNERADA DO ESTUDANTE

Mais da metade — 57,9% — dos estudantes de enfermagem trabalham atualmente em atividades remuneradas, ao passo que 42,1% não o fazem (quadro 24).

QUADRO 24  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO TRABALHO EM  
ATIVIDADE REMUNERADA

ATIVIDADE REMUNERADA	FREQUÊNCIA	%
Exercem	87	57,9
Não exercem	63	42,1
TOTAL	150	100,0

Dos que trabalham (quadro 25), 54% o efetivam por necessidade de remuneração e, ao mesmo tempo, para adquirir experiência profissional; 33,4% apontaram como principal razão apenas a necessidade de remuneração e 5,8% para ganhar experiência.

QUADRO 25  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO O MOTIVO QUE  
OS LEVOU A EXERCER ATIVIDADE REMUNERADA

MOTIVO	FREQUÊNCIA	%
Necessidade de remuneração e de experiência profissional	47	54,0
Necessidade de remuneração	29	33,4
Para adquirir experiência	5	5,8
Outro motivo	2	2,2
Sem resposta	4	4,6
TOTAL	87	100,0

Comparando-se os terceiranistas de 1969, época da coleta de dados de PASTORE & PEROSA, com os de 1973, verifica-se que houve acréscimo bastante significativo no número de estudantes — que passaram a trabalhar — de 9% para 57,9%. Apesar da maioria 77,1% ter declarado que isto os auxilia em sua formação profissional, os que trabalham por necessidade de remuneração — 87,4% — o fazem ou porque as suas famílias não podem sustentá-los totalmente ou porque eles próprios não querem ser sustentados pelos familiares. A este fato parece

estar ligado igualmente o alto índice de estudantes — 56,7% — que frequentam escolas pagas, bem como a supressão da residência escolar.

#### 4.2 — TIPO DE AUXÍLIO FINANCEIRO RECEBIDO

A maioria — 72% — dos alunos de enfermagem não recebe auxílio financeiro de instituição, contra 28% que contam com tal modalidade de ajuda (14,6% dispõem de bolsa-trabalho, 5,4% são monitores remunerados, 6,7% possuem bolsa-de-estudos e 1,3% são comissionados) (quadro 26).

QUADRO 26  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO O TIPO  
DE AUXÍLIO QUE RECEBEM

TIPO DE AUXÍLIO	FREQÜÊNCIA	%
Não recebem auxílio	108	72,0
Bolsa-trabalho	22	14,6
Bolsa-de-estudos	10	6,7
Monitor remunerado	8	5,4
Comissionado	2	1,3
TOTAL	150	100,0

Os que possuem bolsa-trabalho ou bolsa-de-estudos recebem mensalmente, em média, importâncias de duzentos a quatrocentos cruzeiros; os monitores ganham duzentos cruzeiros ou menos.

#### 4.3 — CONTRIBUIÇÃO DO ESTUDANTE PARA AS DESPESAS DA FAMÍLIA

A pesquisa mostrou que 68% dos estudantes não colaboram no orçamento familiar, enquanto 31,3% o fazem, porém não sozinhos (quadro 27). Não há, portanto, entre os terceiranistas de enfermagem nenhum que se constitua em arrimo de família; pode haver distorções nestes dados, visto que 10,7% dos alunos são casados.

QUADRO 27  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO A SUA  
CONTRIBUIÇÃO PARA AS DESPESAS DA FAMÍLIA

CONTRIBUIÇÃO	FREQÜÊNCIA	%
Nenhuma	102	68,0
Contribuem, mas não sozinhos	47	31,3
Sem resposta	1	0,7
TOTAL	150	100,0

#### 4.4 — AJUDA FINANCEIRA RECEBIDA DA FAMÍLIA

Pouco mais da metade dos estudantes — 52% — não recebe mesada da família, ao lado de 48% que têm auxílio de tal ordem (26,7% ganham duzentos cruzeiros/mês ou menos, 12,7% entre duzentos e um e quatrocentos cruzeiros/mês, 6% entre quatrocentos e um e seiscentos cruzeiros/mês, e 2,6% acima de seiscentos cruzeiros/mês, conforme se observa no quadro 28).

Esses dados parecem confirmar a necessidade de alguns estudantes — 57,9% — de trabalhar para se manterem no curso (quadro 24).

QUADRO 28  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO A SUA  
RENDA MENSAL PROVENIENTE DE MESADA

MESADA (CR\$)	FREQÜÊNCIA	%
Não recebem	78	52,0
200 ou menos	40	26,7
De 201 a 400	19	12,7
De 401 a 600	9	6,0
De 601 a 800	2	1,3
Mais de 800	2	1,3
TOTAL	150	100,0

#### 4.5 — RENDA MENSAL ORIUNDA DE SALÁRIO

Dos estudantes que trabalham, 16,6% recebem salários mensais oscilando entre seiscentos e um e mil e duzentos cruzeiros (8% de seiscentos e um a oitocentos cruzeiros, 5,3% de oitocentos e um a mil cruzeiros e 3,3% de mil a mil e duzentos cruzeiros), ao passo que 11,4% recebem de duzentos e um a seiscentos cruzeiros mensais (8% de duzentos e um a quatrocentos cruzeiros, 3,4% de quatrocentos e um a seiscentos cruzeiros); 4% recebem mil e duzentos cruzeiros ou mais por mês e 62% não têm rendimentos provenientes de salário (quadro 29).

QUADRO 29  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO A SUA  
RENDA MENSAL TENDO POR FONTE O SALÁRIO

SALÁRIO	FREQÜÊNCIA	%
Não recebem	93	62,0
200 ou menos	7	4,7
De 201 a 400	12	8,0
De 401 a 600	5	3,4
De 601 a 800	12	8,0
De 801 a 1.000	8	5,3
De 1.000 a 1.200	5	3,3
1.200 ou mais	6	4,0
Sem resposta	2	1,3
TOTAL	150	100,0

PASTORE & PEROSA (1971) informam que entre os universitários paulistas, os de enfermagem eram os que recebiam a menor média salarial — cento e noventa e sete cruzeiros —, em uma escala onde

o maior nível era de novecentos e setenta cruzeiros, para os estudantes de economia.

Os informes mostram que em 1973 houve aumento no nível salarial dos estudantes, visto que metade dos que recebem salários coloca-se na faixa acima de seiscentos cruzeiros. A pesquisa não tem meios de comparação com os salários dos universitários paulistas de outros ramos.

#### 4.6 — DISPONIBILIDADE DE CARRO PELO ESTUDANTE

A posse de carro para uso pelo próprio estudante pode ser considerada como um dos indicadores de seu nível econômico. Nesse particular, a maioria — 67,3% — dos universitários de enfermagem salientou nunca dispor de veículo para utilização própria (quadro 30), sendo que 32% com ele contam (20,7% às vezes e 11,3% sempre).

QUADRO 30  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO A POSSE DE  
CARRO PARA USO PRÓPRIO

DISPONIBILIDADE DE CARRO	FREQÜÊNCIA	%
Nunca	101	67,3
Às vezes	31	20,7
Sempre	17	11,3
Sem resposta	1	0,7
TOTAL	150	100,0

PASTORE & PEROSA (1971) mostram que entre os estudantes de enfermagem apenas 4,5% sempre dispunham de carro para seu uso, 14,9% o possuíam ocasionalmente e 77,6% jamais o tinham. Também neste aspecto os alunos de enfermagem eram os menos privilegiados, haja vista estarem em uma escala em cujo ápice se situavam os estudantes de economia e de direito onde 41% sempre dispunham de carro para seu uso.

#### 4.7 — DESPESAS ANUAIS COM O CURSO

Constatou-se que 43,3% dos informantes pertencem a escolas públicas e não têm nenhuma despesa com taxas e anuidades e que 56,7% cursam faculdades pagas (26,7% com despesa anual entre um mil e dois mil cruzeiros e 30% com gasto anual superior a dois mil cruzeiros).

#### 5 — REQUISITOS PARA O APROVEITAMENTO ESCOLAR

Nessa área, levam-se em consideração as possibilidades maiores ou menores — que os estudantes encontram para o seu aproveitamento escolar. Com tal objetivo, destacam-se os seguintes aspectos considerados importantes:

### 5.1 — RELAÇÃO DO TRABALHO COM O TIPO DE CURSO

Os universitários que trabalham durante o curso, com a finalidade de adquirir experiência profissional, estariam teoricamente preparando-se melhor para o futuro. O inverso ocorreria com os que, por necessidade de remuneração, desempenham funções em atividades desvinculadas de sua profissão, o que os levaria a um preparo deficiente em relação ao seu trabalho futuro. Nesse sentido, analisando as informações coletadas, verificou-se que 77,1% dos estudantes que têm emprego afirmam que seu trabalho contribui para a formação profissional no campo de enfermagem (quadro 31).

**QUADRO 31**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO A ADEQUAÇÃO**  
**DE SEU TRABALHO ATUAL COM A SUA**  
**FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

ADEQUAÇÃO	FREQÜÊNCIA	%
Consideram adequado	74	77,1
Não consideram adequado	13	22,9
<b>TOTAL</b>	<b>87</b>	<b>100,0</b>

Seria necessária uma descrição das atividades atuais dos universitários de enfermagem quanto à adequação dessas atividades às escolares e profissionais. Sem isso, qualquer conclusão sobre os benefícios ou malefícios de exercerem as duas atividades seria precipitada. Outro aspecto importante a levar em conta é o fato de os cursos de enfermagem (excetuando 1) serem de tempo integral, exigindo de alguns alunos serviços noturnos, com exceção dos que têm atividade de bolsa-trabalho e monitoria. Apenas se pode concluir se o trabalho do estudante é prejudicial em termos de tempo que ele destina ao mesmo.

### 5.2 — NÚMERO DE HORAS DE TRABALHO DO ESTUDANTE

Dos alunos que se dedicam a atividades remuneradas (quadro 32), encontram-se 16,2% trabalhando mais de oito horas diárias (mais de quarenta horas semanais, portanto); 21% trabalham em torno de oito horas/dia (entre 34 a quarenta horas/semana); 31,3% têm atividade de três a seis horas/dia (18 a 33 horas/semana) e, finalmente, 30,3% trabalham menos de três horas/dia (até quinze horas/semana).

Considere-se a semana de 5 dias.

**QUADRO 32**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO O NÚMERO DE**  
**HORAS DE TRABALHO SEMANAL**

NÚMERO DE HORAS/SEMANA	FREQÜÊNCIA	%
Menos de 10 horas	13	15,1
De 11 a 17 horas	8	9,3
De 18 a 33 horas	27	31,3
De 34 a 40 horas	18	21,0
Mais de 40 horas	14	16,2
Trabalham esporadicamente	5	5,9
Sem resposta	2	1,2
<b>TOTAL</b>	<b>87</b>	<b>100,0</b>

PASTORE & PEROSA (1971) frisam que entre os estudantes de enfermagem que trabalhavam, 33,3% o faziam entre três e seis horas/dia (mais ou menos dezoito horas semanais).

### 5.3 — NÚMERO DE HORAS DE ESTUDO EM CASA OU NA BIBLIOTECA

Os dados obtidos revelam que 62,9% dos universitários de enfermagem estudam menos de dez horas por semana e que 31,4% a ele se dedicam mais de dez horas semanais, fora do período de aulas (quadro 33).

Considere-se a semana de 7 dias.

#### QUADRO 33

DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO O TEMPO MÉDIO SEMANAL DE HORAS DE ESTUDO EM CASA OU NA BIBLIOTECA

HORAS DE ESTUDO	FREQÜÊNCIA	%
De 1 a 5	48	32,0
De 6 a 10	46	30,7
De 11 a 15	27	18,0
De 16 a 20	13	8,7
De 21 a 25	7	4,6
Sem resposta ou não estuda	9	6,0
TOTAL	150	100,0

PASTORE & PEROSA (1971) informam que entre os terceiranistas de enfermagem, 21% não estudavam fora das aulas, sendo que 32,8% o faziam por menos de dez horas e 46,3% por mais de dez horas, em casa ou na biblioteca.

### 5.4 — HORAS DE ATIVIDADES ESCOLARES POR SEMANA

Entre as atividades escolares semanais dos estudantes de enfermagem contam-se as aulas expositivas, seminários e estágios. Observou-se que 72,7% dos informantes têm aulas expositivas que tomam de uma a nove horas semanais, o que indica que essa atividade absorve entre menos de uma hora até uma e meia hora por dia; 25,3% disseram frequentar aulas expositivas que tomam de duas a três horas/dia, ou seja, mais de dez horas semanais (quadro 34).

#### QUADRO 34

DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO O TEMPO MÉDIO DE AULAS EXPOSITIVAS SEMANAIS

HORAS SEMANAIS	FREQÜÊNCIA	%
De 1 a 3	22	14,7
De 4 a 6	73	48,7
De 7 a 9	14	9,3
De 10 a 12	3	2,0
De 13 a 15	35	23,3
Sem resposta	3	2,0
TOTAL	150	100,0

Considere-se a semana escolar de 6 dias.

A prática de seminários entre os terceiranistas parece superar as aulas expositivas. Nesse aspecto, 52% informaram ter seminários variando entre uma a dez horas semanais e 46% disseram tê-los entre onze e vinte horas por semana, o que dá cerca de duas a três e meia horas diariamente (quadro 35). Nesse aspecto, a amostra estudada não parece representativa da população pois no 1.º a 2.º anos das escolas expositivas ainda superam grandemente a prática de seminários.

QUADRO 35  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO O TEMPO  
MÉDIO DE SEMINÁRIOS SEMANAIS

HORAS SEMANAIS	FREQÜÊNCIA	%
De 1 a 5	25	16,7
De 6 a 10	53	35,3
De 11 a 15	22	14,7
De 16 a 20	47	31,3
Sem resposta	3	2,0
TOTAL	150	100,0

No que diz respeito às aulas práticas e estágios (quadro 36), a pesquisa mostrou uma média de vinte e três a vinte e cinco horas semanais (cinco horas diárias).

QUADRO 36  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO O TEMPO  
MÉDIO DE AULAS PRÁTICAS E ESTÁGIOS SEMANAIS

HORAS SEMANAIS	FREQÜÊNCIA	%
De 20 a 22	48	32,0
De 23 a 25	74	49,4
De 26 a 30	28	18,6
TOTAL	150	100,0

#### 5.5 — TEMPO GASTO NO PERCURSO PARA A ESCOLA

O estudo revelou os seguintes resultados com relação ao tempo dispendido pelos estudantes no percurso da residência até a faculdade: 54% levam menos de meia hora, 21,4% de meia a uma hora, 14% de uma a duas horas e 1,3% mais de duas horas; 9,3% informaram residir na escola (quadro 37). É oportuno observar que os estudantes que residem em “Repúblicas”, Pensões, Pensionatos e sozinhos (37,3%) o fazem sempre nas imediações das escolas.

QUADRO 37  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO O TEMPO  
GASTO NO PERCURSO PARA A FACULDADE

TEMPO GASTO	FREQÜÊNCIA	%
Menos de meia hora	81	54,0
De meia até uma hora	32	21,4
De uma até duas horas	21	14,0
De duas até três horas	2	1,3
Residem na faculdade	14	9,3
TOTAL	150	100,0

## 6 — ASPIRAÇÃO E INFORMAÇÃO SOBRE A CARREIRA

Analisa-se, nesta parte do trabalho, informes que mostram qual a aspiração do universitário de enfermagem e informação sobre a sua carreira, a partir dos motivos que o levaram a escolher o curso. Analisa-se igualmente sua satisfação quanto à escolha que fez, qual seu parecer com relação às oportunidades de trabalho e como pretendem exercer a profissão logo depois de formados.

### 6.1 — MOTIVOS DA OPÇÃO PELO CURSO

Dos entrevistados, a maioria — 64,7% — alegou como motivo principal de sua escolha pelo curso a inclinação pela profissão, isto é, a sua vocação. Entre os demais estudantes — 34,5% — que apontaram outras razões, encontram-se as seguintes: conduz a uma profissão rendosa, 5,3%; indicação de teste vocacional, 2,7%; menores despesas com taxas e mensalidades, 2,7%; influência de parentes, 2,7%; influência de professores, 0,7%; outros motivos, 20,6% (quadro 38).

QUADRO 38  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO OS MOTIVOS QUE OS LEVARAM A OPTAR PELO CURSO

MOTIVOS	FREQÜÊNCIA	%
Inclinação pela profissão	97	64,6
Profissão rendosa	8	5,3
Indicação de teste vocacional	4	2,7
Menores despesas com taxas e mensalidades	4	2,7
Influência de parentes	4	2,7
Influência de professores	1	0,7
Outras razões	31	20,6
Sem resposta	1	0,7
TOTAL	150	100,0

PASTORE & PEROSA (1971) assinalam que entre os estudantes de enfermagem 82,1% alegaram, como motivo de sua opção pelo curso, inclinação pela profissão e 16,4% outras razões.

### 6.2 — COMO O ESTUDANTE ENCARA A PROFISSÃO FUTURA

Interpretando os dados sobre a satisfação com a escolha pela enfermagem, verifica-se que 84,7% dos estudantes responderam de maneira positiva, ou seja, que estão satisfeitos, sendo que 65,4% não mudaram de idéia desde o início; 19,3% não desejavam o curso inicialmente, mas agora estão satisfeitos; 12% decepcionaram-se com a escolha; e 1,3% afirmaram não ser a profissão que queriam e não mudaram de pensamento (quadro 39).

QUADRO 39  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO O MODO DE  
ENCARAR A PROFISSÃO FUTURA

MODO DE ENCARAR	FREQÜÊNCIA	%
Era a profissão que desejava e continua a pensar assim	98	65,4
Era a profissão que desejava mas seria melhor fazer outra	18	12,0
Não era a profissão que queria porém acha que aceitou	29	19,3
Não era a profissão que queria e continua a pensar assim	2	1,3
Sem resposta	3	2,0
TOTAL	150	100,0

Associando-se as duas últimas opiniões, chega-se à conclusão que 13,3% dos estudantes de enfermagem paulistas já se mostram frustradas em sua carreira antes de nela ingressar.

PASTORE & PEROSA (1971) classificam os alunos de enfermagem entre os mais satisfeitos — 85% — quanto à sua opção profissional.

### 6.3 — POSSIBILIDADE FUTURA DE TRABALHO

Quanto às possibilidades de trabalho existentes, 17,3% dos informantes as encaram como ótimas, 51,3% as consideram boas, 20,7% as julgam regulares e 0,7% as acham ruins; 8,7% disseram ignorar esse aspecto (quadro 40).

QUADRO 40  
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO SUA PERCEPÇÃO  
QUANTO À OPORTUNIDADES DE TRABALHO

OPORTUNIDADE DE TRABALHO	FREQÜÊNCIA	%
Boas	77	51,3
Regulares	31	20,7
Ótimas	26	17,3
Ruins	1	0,7
Não sabem	13	8,7
Sem resposta	2	1,3
TOTAL	150	100,0

No que tange à remuneração inicial esperada, 73,4% dos estudantes acredita que se situe entre mil e quinhentos e dois mil e quinhentos cruzeiros, enquanto 20,7% crêem que esteja próxima a três mil cruzeiros e 5,3% que supere os três mil cruzeiros (quadro 41).

**QUADRO 41**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO SUA PERCEPÇÃO**  
**SOBRE A REMUNERAÇÃO INICIAL ESPERADA**

REMUNERAÇÃO ESPERADA (Cr\$)	FREQÜÊNCIA	%
De 1.500 a 2.000	43	28,7
De 2.001 a 2.500	67	44,7
De 2.501 a 3.000	31	20,7
De 3.001 a 3.500	6	4,0
De 3.501 a 4.000	2	1,3
Sem resposta	1	0,6
<b>TOTAL</b>	<b>150</b>	<b>100,0</b>

PASTORE & PEROSA (1971) afirmam que “as estudantes de educação física, enfermagem e odontologia tendem a ser mais otimistas quanto às possibilidades futuras de trabalho”. Os mesmos autores, distribuindo os estudantes segundo as suas pretensões salariais, constataram que a média de salário esperada pelos alunos de enfermagem era de novecentos e vinte e nove cruzeiros, entre uma população estudantil cujas aspirações máximas e mínimas se encontravam em torno de mil e quatrocentos e seiscentos cruzeiros, respectivamente.

#### 6.4 — EXERCÍCIO DA PROFISSÃO APÓS FORMADOS

Considerando que a percepção da carreira profissional destacada anteriormente parece refletir-se nas aspirações dos estudantes quanto ao exercício da profissão, inquiriu-se sobre as pretensões de exercício profissional no ano seguinte à formatura. Constatou-se que 2% dos alunos não pretendem exercê-la, ao passo que 97,3% pretendem trabalhar nas seguintes condições: 72% em serviço hospitalar; 16,6% em serviço de saúde pública; 2,6% em Escolas de Enfermagem; e 4,1% em mais de uma das mencionadas atividades. Alegaram outra situação 2% (quadro 42).

**QUADRO 42**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS ESTUDANTES SEGUNDO AS SUAS**  
**PRETENSÕES DE EXERCÍCIO PROFISSIONAL NO ANO**  
**SEGUINTE À FORMATURA**

EXERCÍCIO DA PROFISSÃO	FREQÜÊNCIA	%
Em serviço hospitalar	108	72,0
Em serviço de saúde pública	25	16,6
Em escolas de enfermagem	4	2,6
Em hospital e escola	4	2,7
Em saúde pública e escola	1	0,7
Em saúde pública e hospital	1	0,7
Outra situação	3	2,0
Não pretendem exercer	3	2,0
Não sabem	1	0,7
<b>TOTAL</b>	<b>150</b>	<b>100,0</b>

## IV — CONCLUSÕES

Nesta secção do trabalho apresenta-se o perfil do universitário de enfermagem através de uma descrição sucinta de suas características, conforme o objetivo da presente pesquisa.

### *Dados Demográficos*

Predomínio de indivíduos solteiros e do sexo feminino; moda de idades compreendida entre 22 e 23 anos.

### *Origem Sócio-econômica*

Praticamente 50% dos terceiranistas são netos de estrangeiros, predominando grandemente entre estes os japoneses; a maioria dos pais e a quase totalidade dos estudantes são brasileiros; há razoável mobilidade de estudantes dentro do Estado e relativamente pequena entre os Estados; os estudantes quase sempre residem com os pais, a menos que vivam em cidades diferentes; o alojamento universitário está quase desaparecendo; os pais têm nível de instrução variada, predominando os genitores com instrução limitada à escola elementar; a maioria dos pais trabalham por conta própria e a grande maioria das mães não exerce ocupação remunerada; quase a metade dos estudantes trabalhava antes de ingressar na Faculdade de Enfermagem; a renda familiar mensal da metade dos terceiranistas situa-se abaixo de dois mil cruzeiros; predominam famílias que possuem casa própria.

### *Vida Escolar*

Predomínio de estudantes com escolaridade normal (ingresso na Escola de Enfermagem com 19 a 20 anos); alta incidência de normalistas e de indivíduos sem o curso científico; metade não apresentou defasagem entre os cursos médio e superior; a maioria acusa freqüência a cursinhos vestibulares e aprovação no primeiro exame de habilitação à Faculdade de Enfermagem; quase a metade prestou exame vestibular para outro curso; nenhum frequenta outro curso superior e a grande maioria não se formou em outro ramo.

### *Situação Econômica Atual do Estudante*

Predomínio de terceiranistas que exercem ocupação remunerada e destes a grande maioria o faz por necessidade financeira; grande número deles não recebe auxílio financeiro de instituições; mais da metade não colabora no orçamento familiar e dos que o fazem nenhum se constitui em arrimo de família; a metade dos estudantes não recebe mesada; a maioria dos que têm auxílio de tal ordem ganha menos de quatrocentos cruzeiros mensais; metade dos que recebem salários coloca-se na faixa acima de seiscentos cruzeiros; a minoria dispõe de carro para uso próprio; metade dos alunos cursa escolas pagas e destes a maioria tem despesas com taxas e anuidades superiores a dois mil cruzeiros.

### *Requisitos para Aproveitamento Escolar*

A grande maioria dos que têm emprego afirma que o seu trabalho contribui para a formação profissional; é significativo o número

de estudantes que têm jornada de trabalho diário em torno de oito ou mais horas; verificou-se grande incidência dos que estudam menos de dez horas/semana fora do período de aula, predominando também os que frequentam aulas expositivas de meia até uma e meia hora por dia; a prática de seminários supera as aulas expositivas e predominam os que têm essa atividade cerca de duas a três horas diárias; a metade gasta em média, menos de meia hora no percurso da residência à Faculdade e pequena minoria entre uma a duas horas.

### *Aspiração e Informação Sobre a Carreira*

A maioria alegou como motivo principal de sua opção "inclinação pela profissão" e predominam grandemente os que se dizem satisfeitos com a sua escolha; metade classifica como boas as possibilidades de trabalho existentes; mais da metade acredita que a remuneração inicial se situe entre mil e quinhentos cruzeiros a dois mil e quinhentos; atinge número bastante alto os estudantes que pretendem exercer a profissão em Serviço Hospitalar, no ano seguinte à formatura.

## V — CONSIDERAÇÕES FINAIS

São destacados aqui alguns pontos considerados de maior interesse, principalmente para as enfermeiras educadoras. Comentam-se com mais pormenores os seguintes itens reputados como importantes: mobilidade geográfica do universitário de enfermagem; o trabalho do estudante; a sua preparação para o ingresso na faculdade e sua realização no curso.

### *1 — Mobilidade Geográfica do Estudante*

A pesquisa demonstra razoável mobilidade geográfica quando 44% dos entrevistados declaram ter concluído o segundo ciclo em cidades diferentes daquelas onde frequentam a faculdade, ou seja, 32% se deslocaram no próprio Estado e 10,7% de outros Estados para cá. PASTORE & PEROSA mostraram uma mobilidade bem superior, da ordem de 61,2% dentro do Estado e de 18% de outros Estados para este. É marcante a diminuição do deslocamento estudantil. Parece provável que isso se deva, em parte, ao fato de se haver extinguido o alojamento escolar, regalia que praticamente só a enfermagem oferecia em confronto com outros ramos.

A esse fato soma-se outro significativo, o de que dois terços das Escolas de Enfermagem paulistas, hoje, são pagas. Isso diminui ainda mais os favores em termos de oportunidade de realização prática do curso.

O alojamento escolar foi extinto porque já não havia mais razão para continuar e é um fato decorrente da ascensão da enfermagem, colocada em nível superior.

CARVALHO (1972) assinala que "as Escolas de Enfermagem perpetuaram por muitos anos (...) internato obrigatório para os alunos, disciplina rígida (...) e longas horas de trabalho com redução do tempo de lazer e de descanso ao mínimo possível" (pág. 1). Pelo fato de

estarem vinculadas às instituições hospitalares as professoras de enfermagem se preocupavam em “manter todas as áreas de serviço cobertas com o trabalho das alunas, em todos os plantões incluindo o noturno”.

Em troca desses benefícios as instituições ofereciam alojamento gratuito e obrigatório aos estudantes. Tal panorama modificou-se depois que a enfermagem passou a nível superior e as Escolas de Enfermagem tiveram que se enquadrar nos padrões dos cursos universitários. Os alunos não podiam mais ser mão-de-obra nas enfermarias, pois a valorização da fundamentação teórica não deixava mais tempo para tanto.

O trabalho do aluno foi então substituído pelo do funcionário. Começaram a declinar lentamente os favores das instituições que mantinham as escolas. Não mais se justificava o fornecimento de alojamento; ao contrário, para manterem o curso as administrações particulares tiveram que cobrar taxas e anuidades escolares.

Em resumo, pode-se concluir que a mobilidade geográfica dos terceiranistas de enfermagem é um fenômeno que, como se viu, sofreu diminuição de 50%, certamente motivada, em parte, pela supressão do alojamento escolar. Entretanto a mobilidade interior-capital, provavelmente, ainda continuará em escala expressiva, pois na Capital se concentram dois terços das escolas de enfermagem paulistas. A expansão das Escolas de Enfermagem para outras áreas do Estado, ao contrário do que ocorre em grau acelerado nos outros ramos, ainda não se verificou. A partir desses dados sugere-se que outro estudo seja realizado a fim de se saber como este fenômeno evoluirá.

## 2 — O Trabalho do Estudante

O fato de uma alta porcentagem de estudantes de enfermagem trabalhar e frequentar um curso superior em regime de tempo integral exprime uma realidade, que lhes é desfavorável, e oferece alguns pontos para reflexão.

Nos achados de PASTORE & PEROSA (1971) antes de ingressar na Escola de Enfermagem 43,3% dos estudantes exerciam atividade remunerada, passando a ser de apenas 9% após a entrada. Vale observar que naquela época as escolas ofereciam alojamento quase sempre gratuito e talvez se deva a esse motivo o fato de um grande número de estudantes deixar o emprego quando de seu ingresso no curso. Os informes atuais mostram que o alojamento escolar foi praticamente extinto e que a porcentagem dos que trabalham durante o curso — 57,9% — é bastante elevada em relação ao índice registrado naquela época — 9%. Muitos deles apresentam cargas horárias altas. Os dados da pesquisa confirmam o que outros trabalhos concluíram antes: a grande maioria dos universitários que trabalham o faz parte poder manter-se no curso e não porque o mercado de trabalho lhes ofereça oportunidades especiais.

A evolução dos fatos parece estar indicando que dentre as causas dessa mudança também se deve incluir a extinção do alojamento escolar. Outro aspecto que parece estar interagindo é o nível de renda familiar que pode ser considerado baixo para a maioria. Daí, provavelmente, a necessidade de o estudante trabalhar para suprir total ou par-

cialmente suas despesas pessoais, mais críticas do que quando havia o alojamento.

O fato do estudante trabalhar durante o curso reflete-se evidentemente no rendimento escolar e pode constituir-se num motivo de rebaixamento do nível de algumas escolas e no risco de promover uma passagem brusca à profissionalização, criando em poucos anos enfermeiros obsoletos. Este é sem dúvida, um problema de grande complexidade, incluindo muitas variáveis, e seu estudo escapa ao âmbito deste trabalho.

### 3 — *Preparação do Estudante para o Ingresso na Faculdade de Enfermagem*

Pelo currículo das Escolas de Enfermagem, o ideal seria que os estudantes viessem do curso científico. Tal fato, porém, não se verificou com 49,4% dos terceiranistas, os quais procederam dos cursos normal, industrial, comercial, clássico e madureza. Parece lícito supor que estes estudantes não tiveram no segundo ciclo determinadas matérias básicas consideradas necessárias nas disciplinas de enfermagem. Neste ponto residem, provavelmente, os problemas de assimilação do ensino das disciplinas de enfermagem, pois que devem ter tido tais matérias nos chamados "cursinhos".

A pesquisa demonstrou que a grande maioria dos estudantes frequentou esses cursos preparatórios para ingressar na Escola de Enfermagem. Mostrou também que a grande maioria conseguiu ser aprovada no primeiro exame vestibular para a enfermagem, o que parece indicar que talvez muitos estudantes não tivessem conseguido ingressar na faculdade se não existissem os pré-vestibulares. O fato de terem frequentado estes "cursinhos" não representa, no entanto, nenhuma garantia de assimilação de matéria básicas, que a metade dos estudantes não teve no segundo ciclo.

### 4 — *Realização no Curso*

Parte ponderável dos estudantes que ingressaram no curso de enfermagem, não o fez em primeira opção. No entanto, mais da metade apontou como razão de sua escolha "inclinação pela profissão". À primeira vista isso parece contraditório, mas se analisar o fato ter-se-á uma explicação consistente. Dentre estes alunos que optaram inicialmente por outros cursos a maioria não foi aprovada, deslocando-se então para a enfermagem; os aprovados decepcionaram-se com a escolha, procurando, então esse ramo.

Interrogados sobre a sua satisfação em relação ao curso, a grande maioria dos alunos acusou resposta favorável, embora uma parte deles tenha confessado que inicialmente não pretendia fazer o curso; o restante não mudou de idéia desde o início. Uma pequena minoria decepcionou-se com o curso, enquanto outros não desejavam o curso e continuavam pensando assim.

Chega-se à conclusão de que, não obstante quase a metade dos alunos não ingressasse no curso por primeira opção, apenas uma pequena minoria se sente frustrada com a profissão antes mesmo de nela ingressar.

## V — RECOMENDAÇÕES

Algumas conclusões sobre duas características principais do estudante levantadas pela pesquisa levam a colocar as enfermeiras educadoras diante de um panorama não muito otimista. Por um lado, a metade dos estudantes não teve preparação escolar adequada ao currículo das Escolas de Enfermagem e, por outro lado, uma mesma proporção trabalha para se manter no curso. Como se viu, os problemas são interrelacionados e conhecendo-se as características dos alunos já se pode dispor de um bom ponto de partida. A tentativa de tão somente discutí-los, certamente, não conduz a correções eficazes e necessárias. Caberia às enfermeiras envolvidas no ensino proporem saídas que realmente levem a um desenvolvimento equilibrado da situação. Deve-se admitir que não é possível atacar as causas, por assim dizer, primordiais da questão, pois elas fogem ao âmbito específico do ensino da enfermagem. Restaria, pois, promover uma revisão do ensino dentro das Escolas de Enfermagem; desenvolver esforços no sentido da exploração de novos métodos e novas técnicas mais adequados à nova situação e dar grande ênfase ao aprendizado mais prático e, portanto, menos teórico, com utilização intensiva das (oito) horas de atividade escolar diária.

Vale ressaltar a importância no ensino de campo, que inclui aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades e atitudes profissionais durante o período de estágio nas instituições de saúde, sob a orientação do professor. A pesquisa indicou longa permanência dos alunos no campo de ensino, mas isso não implica necessariamente em aprendizado efetivo; não é ilícito supor que talvez as respostas obtidas tenham retratado em parte o número de horas de permanência no estágio, podendo-se por em questão a efetividade do seu aproveitamento. Isso leva a perguntar se a repartição dos programas atualmente definidos nos cursos é válida ou os métodos são válidos para uma nova geração de alunos e, portanto, com necessidades e problemas novos.

CARVALHO (1972) apontou como queixa frequente por parte de alguns alunos o “excesso de repetição, tempo mal aproveitado e experiências pouco valiosas sob o ponto de vista educacional”. E significativamente, a autora sugere a reformulação do ensino de campo, a exploração de novos métodos e técnicas para o ensino da enfermagem. Refere-se à “necessidade de evitar repetições desnecessárias e desperdício do tempo do estudante com experiências pouco valiosas sob o ponto de vista educativo”.

Em suma, a identificação dos elementos componentes do perfil do estudante de enfermagem, evidencia a emergência de problemas correlacionados, interferindo diretamente em seu rendimento escolar. A posição de se procurar resolvê-los dentro do âmbito próprio do ensino de enfermagem, como certeza, afigura-se como a mais realista nas condições atuais. O caminho parece ser o da realização de esforços por parte do corpo docente no sentido de pesquisar e determinar métodos e técnicas didáticas mais adequadas à presente realidade, dando especial realce ao ensino de campo, utilizando com mais intensidade as horas de atividade escolar diária. Esta tarefa se impõe com toda urgência, se se tem em conta a imperiosa necessidade de se promoverem esforços para aumentar o

aproveitamento escolar dos estudantes e, como resultado, a eficiência dos futuros profissionais.

NAKAMAE, D. D. — Subsidies to characterize nursing student in schools of the state of São Paulo. *Rev. Esc. Enf. USP* 9(2):347—392, 1975.

Because the Author believes in the importance of keeping up to date information on demographic data, socio-economical origin, curriculum, present economic situation, request for scholar development, aspiration and information about carrier expectation, that characterize nursing students, and may furnish elements to improve programs and methods of clinical practice, this research was performed in 1973 with the sole objective of obtaining these data.

It is a descriptive — type of study and the data were collected through the application of a 38 — item — questionnaire applied to a hundred and fifty (150) third grade students of six (6) Nursing Schools of the State of São Paulo.

Some results are significant, such as: 48.4% of third graders are of foreign ancestry, with large predominance of Japanese; there is a relative high mobility of students within the State and a far lower within the same community; 43.3% of students worked before entering school there is a high number of students with primary-school teaching formation and non scientific knowledge; approximately half inscribed themselves for other courses; 57.9% of students work presently in paid jobs, most of them due to financial needs; half of students are studying in private schools and the majority of them have to face more than 2.000 cruzeiros of yearly expenses for fees and annuity; 37.2% have approximately 8 hours of daily working load; 62.9% have less than 10 hours of free study-time per week; 64.7% quoted real vocation as main reason for choosing Nursing, and most of them are satisfied with their choice; half of them classify Nursing as good job possibilities in professional market; 72.0% of students intend to work in Hospital right after graduating.

Some conclusions upon main characteristics of Nursing students place nursing educators before a non too optimistic view. On one hand, half of the students did not have proper school education in order to face nursing school curriculum and on the other hand, an equal number of students work to support themselves.

Therefore the student profile that was obtained through this research shows emergency of correlated problems, that interfere directly on scholar efficiency. Trying to solve them within our own nursing teaching boundaries seems to be more realistic. The way to try solving them requires from nursing educators efforts in order to search for and determine more adequate teaching methods and techniques. This task is of the utmost urgency if one has in mind the need of promoting efforts to increase students profits and as a result of it, more efficient professionals in the future.

## ANEXO II OPINIÕES DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM

O questionário usado na presente pesquisa continha trinta e oito perguntas, das quais a última sob o título “Comentários e Observações” cuja finalidade era a de permitir ao aluno expressar-se livremente.

Na aplicação do questionário o estudante foi informado que poderia utilizar esse quesito para registrar observações pessoais ou dados complementares.

Os comentários foram feitos voluntariamente por apenas vinte e cinco alunos, que representam 16,6% da amostra analisada. Deve-se salientar que em duas escolas 100% dos estudantes não se manifestaram.

Se se admitir que é válida a hipótese de que o indivíduo tende a expressar aquilo que mais o preocupa no momento, desde que lhe dêem oportunidade para tanto, pode-se concluir que os interesses dos estudantes que se manifestaram prendiam-se, por ocasião da pesquisa, a assuntos relativos ao próprio questionário, a questões gerais do ensino de enfermagem e a problemas de ordem econômica. Transcreve-se abaixo essas opiniões:

1 — “Achei esse questionário bastante válido, pois uma vez que o aluno responda com sinceridade, será muito mais fácil conhecer os seus problemas. Gostaria também de agradecer por se preocuparem conosco, a respeito da profissão, da escola, do curso, etc.”

2 — “Espero que com minhas respostas possa contribuir para sua pesquisa. Desde já grata”.

3 — “Faltou observação de despesas de manutenção com a escola, pois embora seja estadual, o período integral impede que se tenha outro meio de sustento, senão o de serviço noturno, considerando que nem todos podem se manter numa escola sem trabalhar”.

4 — “A partir desse ano não mais dispomos de residência e outras facilidades que a escola fornecia aos alunos. Levando um número muito grande de alunos a procurar trabalho remunerado. E não é pequeno o número de alunos que desde cedo (inclusive 1.º e 2.º ano) trabalham mais de 40 horas semanais”.

5 — “O que falta é maior integração das Faculdades de Enfermagem com outras escolas”.

6 — “Maior integração com outras Faculdades de Enfermagem”.

7 — “Seria bom se tivesse menos férias e esse tempo fosse aproveitado em mais horas práticas, acho que isso melhoraria o curso”.

8 — “Penso que a Enfermagem já melhorou o nível intelectual, mas ainda deveria melhorar bastante. Os médicos ainda não compreenderam que a enfermagem é uma profissão independente deles. Dependerá de nós como futuras profissionais a conquista do lugar no meio das outras profissões”.

9 — “Há necessidade de maior número de docentes, de melhor nível de docentes (intelectual e profissional); docentes que façam pesquisas e se atualizem; docentes capacitadas para dar aulas, pois muitas tem conhecimentos mas não sabem didática”.

10 — “Há necessidade de melhores condições de estágio”.

11 — “Necessidade de diminuição do número de estágios e de aulas teóricas. As aulas teóricas deveriam ser menos repetitivas”.

12 — “Necessidade de novos professores, que encarem a realidade, para o curso deixar de ser utópico”.

13 — “Há necessidade de certos professores aceitarem a opinião do aluno e tentarem uma reformulação da disciplina”.

14 — “Necessidade de maior prazo para empréstimo de livros na biblioteca”.

15 — “Necessidade de maior divulgação do campo de trabalho”.

16 — “O curso talvez devido a sobrecarga de horas, não oferece bagagem ideal de aprendizagem e conhecimento. O curso é a curto prazo, formando profissionais inseguros e inacabados no tocante a realização e responsabilidade pessoal”. O curso deveria ser mais longo e oferecer condições de trabalho dentro do campo”.

17 — “Deveria haver uma reestruturação do curso, melhor organização e planejamento — ou se planeja melhor os horários, ou se aumenta um ano o curso, porque há necessidade de mais teoria e prática. Nós saímos muito “cruas” da escola”.

18 — “Vou fazer Saúde Pública porque não tivemos quase nada disso nos 3 anos, mas o que eu realmente gosto é de enfermagem médico-cirúrgica. O problema é que esta escola não tem essa disciplina no 4.º ano e devido seu currículo ser diferente das outras escolas elas não nos aceitam. Porque essa diferença de currículo? Não acham que deveríamos padronizar?”.

19 — “Pela carga horária do curso, é muito difícil trabalhar com boa remuneração que dê, pelo menos, para cobrir as despesas pessoais e com a escola. Mesmo assim acho que vale a pena”.

20 — “Acho que deveria ter mais cursos de pós-graduação e também de especialização em enfermagem, pois temos poucos cursos o que dificulta nossas opções”.

21 — “Penso que a escola de enfermagem deveria dar em todas as matérias, pelo menos duas vezes por semana, uma tarde de folga para que cuidemos dos nossos negócios ou descansemos”.

22 — “A obrigatoriedade de freqüência às aulas deveria ser de 60% e não de 70%, pois assistir aula que às vezes não trazem nada para o nosso conhecimento só nos faz perder tempo e impede-nos de estudarmos coisa de maior interesse”.

23 — “Quando um estudante está reprovado numa matéria teórica (que não requer estágio) deveria apenas prestar provas, pois assistir aulas impede-o de continuar seu curso em outras matérias que

exige prática de estágio, e com isso faz que o aluno perca geralmente um ano de sua carreira”.

24 — “Fizemos o curso em meio período. Achei isso péssimo, pois o outro meio período ocioso fez com que a maioria procurasse trabalho fora, sacrificando muitas horas de estudo. Achei daí que a nossa turma está devendo um pouco às pesquisas e estudos científicos; muitas vezes vê-se por aí algumas enfermeiras que, sentimo-nos até mal em comparar-nos com elas. A Faculdade deve proporcionar condições para formar boas enfermeiras, e deve também saber exigir das mesmas. As melhores condições a que me refiro são: melhores professores (realmente competentes) que possam orientar em todos os aspectos”.

25 — “Acredito que poderia ser dado maior importância ao período básico, isto é, onde nós temos disciplinas como Anatomia, Fisiologia, Farmacologia. Sentimos que há uma certa displicência na administração destas aulas, fazendo com que haja pouco interesse por parte do aluno e dificultando sua atuação futura”.

26 — “Poderia se exigir também uma certa uniformidade entre os diversos departamentos, de modo que não houvesse repetição e um não abordasse os assuntos do outro”.

27 — “Melhor preparo do corpo docente, esta não é uma crítica geral, mas existem alguns elementos que precisariam se preparar e saber mais sobre o que está ensinando aos alunos. Acredito que se houvesse uma avaliação frequente dos professores por parte de pessoas mais credenciadas que os alunos, haveria um estímulo para que se melhorasse o nível”.

28 — “Apesar de alguns erros sentidos durante o curso, acredito que esse deu uma pincelada em vários campos, não aprofundando-se em nenhum deles (o que seria impossível) mas deu elementos para que quando surgissem dúvida procurássemos esclarecimentos em fontes seguras”.

29 — “Espero que com este questionário as escolas de enfermagem se conscientizem da situação sócio-econômica dos alunos. Venha a melhorar o ensino e ao mesmo tempo dar oportunidade para o aluno trabalhar, se manter e ser melhor remunerado”.

É preciso salientar que esses comentários e observações foram emitidos por 16,6% dos estudantes amostrados, e que portanto não podem ser encarados como representativos da opinião geral dos universitários de enfermagem.

## VII — REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, A. — *Orientação e ensino de estudantes de enfermagem no campo clínico*. São Paulo, 1972 (Tese — Escola de Enfermagem da USP).
- CASTRO, C. L. M. — *Caracterização Sócio-econômica do estudante universitário*. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1968.
- MEDEIROS, N. R. D. — *Relatório da Comissão de Documentação e Estudos da ABEn, 1972—1973*. Rio de Janeiro.
- PASTORE, J. & OUTROS — *O Ensino Superior em São Paulo: Aspectos quantitativos e qualitativos de sua expansão*. São Paulo, Instituto de Pesquisas Econômicas da USP, 1970.
- PASTORE, J. & PEROSA, G. G. — *O Estudante Universitário em São Paulo*. São Paulo, Instituto de Pesquisas Econômicas da USP, 1971.

## ANEXO I

Prezado estudante:

Estamos realizando uma pesquisa a respeito do ensino Superior de Enfermagem no Estado de São Paulo. Nosso objetivo é conhecer as características gerais do estudante das nossas escolas e alguns dos problemas com que se defrontam.

Sua colaboração é indispensável. Nesse sentido pedimos para preencher este questionário da maneira mais completa possível. Todas as respostas serão boas desde que dadas com sinceridade.

Será mantido o anonimato, *por isso você não precisa assiná-lo.*

Procure responder todos os quesitos, usando as seguintes convenções:

- assinale com um “X” a alternativa ou alternativas que correspondem à sua situação;
- em alguns ítems a resposta exigirá palavras ou frases breves que deverão ser precisas;
- quando não souber a resposta, escreva “não sei”;
- quando um ítem não se aplicar ao seu caso, escreva “não se aplica”.

Para qualquer dúvida dirija-se ao aplicador. Responda sem pressa, pois não há limite de tempo.

Obrigado pela colaboração prestada.  
São Paulo, 1975.

## QUESTIONÁRIOS DE ALUNOS

1. Qual é sua idade?

menos de 20 anos 20 a 21 anos 22 a 23 anos 24 a 25 anos 26 a 27 anos 28 a 29 anos 30 a 40 anos 41 anos ou mais 2. Qual é seu sexo? Masculino  Feminino 

3. Qual é seu estado civil?

Solteiro  Casado  Viúvo  Desquitado 

4. Onde nasceram:

País

Estado (se no Brasil)

Você: .....

Seu Pai: .....

Sua Mãe: .....

Avô Paterno: .....

Avó Paterna: .....

Avô Materno: .....

Avó Materna: .....

5. Seus pais moram na mesma cidade que você? Sim  Não 

6. Onde durante o atual ano letivo você está residindo? (marque mais de um, se for seu caso)

na casa dos pais  sozinho  com o cônjuge com parentes  em pensão  em pensionato em alojamento universitário  em república de estudantes 

7. Qual o tempo gasto (em média) no percurso de sua residência à escola?

Menos de meia hora ..... Mais de meia até uma hora ..... Mais de uma até duas horas ..... Mais de duas até três horas ..... Mais de três até quatro horas ..... Mais de quatro até cinco horas ..... Mais de cinco horas ..... Reside na Faculdade .....

8. Você ingressou na Faculdade de Enfermagem no ano seguinte ao término do seu curso médio?  
médio Sim  Não
9. Em caso negativo, quantos anos depois?
10. Curso de 2.º ciclo que concluiu:
- |                       |                          |
|-----------------------|--------------------------|
| Científico .....      | <input type="checkbox"/> |
| Clássico .....        | <input type="checkbox"/> |
| Normal .....          | <input type="checkbox"/> |
| Comercial .....       | <input type="checkbox"/> |
| Industrial .....      | <input type="checkbox"/> |
| Madureza .....        | <input type="checkbox"/> |
| Mais de um tipo ..... | <input type="checkbox"/> |
11. Onde você concluiu o 2.º ciclo (ou equivalente)?
- |                                 |                          |
|---------------------------------|--------------------------|
| Na cidade onde está esta Escola | <input type="checkbox"/> |
| Em outra cidade deste Estado    | <input type="checkbox"/> |
| Em outro Estado brasileiro      | <input type="checkbox"/> |
| No exterior                     | <input type="checkbox"/> |
12. Você fez cursinho para entrar na Faculdade de Enfermagem?  
Sim  Não   
Uma vez  Duas  Três  Mais de três
14. Você prestou vestibular para outro curso (em outra Faculdade)?  
Não   
Não  Sim  Qual: .....
15. Você foi classificado em algum desses vestibulares?  
Não  Sim  Qual: .....
16. Atualmente, você está fazendo outro curso superior?  
Não  Sim  Qual: .....
17. Você completou outro curso superior?  
Não  Sim  Qual: .....
18. Qual a razão de você ter optado pelo curso de Enfermagem?  
(Assinale apenas a razão mais importante).
- |                                                    |                          |
|----------------------------------------------------|--------------------------|
| Menores despesas com taxas e mensalidades .....    | <input type="checkbox"/> |
| Menores despesas com transporte e manutenção ..... | <input type="checkbox"/> |
| Tenho maior inclinação por essa profissão .....    | <input type="checkbox"/> |
| Conduz a uma profissão rendosa .....               | <input type="checkbox"/> |
| Influência de parentes .....                       | <input type="checkbox"/> |
| Influência de professor(s) .....                   | <input type="checkbox"/> |
| Indicação de teste vocacional .....                | <input type="checkbox"/> |
| Outra razão .....                                  | <input type="checkbox"/> |

19. Como encara, agora, a profissão para a qual você se formará?
- Era a profissão que desejava e continuo pensando da mesma forma
- Era a profissão que desejava, mas acho que seria melhor seguir outra .....
- Não era a profissão que desejava e continuo pensando da mesma forma .....
- Não era a profissão que desejava, mas agora acho que acertei fazendo este curso .....
20. Ao concluir o curso em que nível você colocaria suas oportunidades de emprego?
- Ótimas
- Boas
- Regulares
- Ruins
- Péssimas
- Não sei
21. Para uma pessoa que termina um curso como o que você está fazendo, qual é, atualmente, a remuneração *inicial* mais provável?
- Cr\$                      Cr\$
- 1.500,00 a 2.000,00
- 2.101,00 a 2.500,00
- 2.501,00 a 3.000,00
- 3.001,00 a 3.500,00
- 3.501,00 a 4.000,00
- Mais de 4.000,00
22. Como você acha que vai exercer a profissão no ano seguinte à sua formatura?
- Em Serviço de Saúde Pública
- Em Serviço Hospitalar
- Em escolas de enfermagem
- Não pretendo exercer a profissão
- Outra situação (especificar)
23. Qual a sua contribuição para as despesas da família?
- Contribuo, mas não sou o único responsável
- Sou o único responsável
- Não contribuo
24. Antes de entrar nesta Faculdade, você tinha emprego remunerado?
- Sim  Não

25. Atualmente você tem emprego remunerado?  
 Sim  Não
26. Seu trabalho se relaciona com o curso que você faz?  
 Sim  Não
27. Quantas horas em média você trabalha por semana?  
 Menos de 10 horas   
 De 11 a 17 horas   
 De 18 a 33 horas   
 De 34 a 40 horas   
 Mais de 40 horas   
 Trabalho esporadicamente
28. Qual a *principal* razão por que você trabalha?  
 Para adquirir experiência profissional   
 Pela necessidade de remuneração   
 Pela necessidade de remuneração e experiência profissional   
 Outro motivo (especificar)
29. Qual o número médio de horas de atividade escolar que você tem por semana?  
 Aulas expositivas ..... \_\_\_\_\_ horas  
 Seminários ..... \_\_\_\_\_ horas  
 Aulas práticas e estágios ..... \_\_\_\_\_ horas  
 Estudo em casa, biblioteca, etc. .... \_\_\_\_\_ horas
30. Grau de instrução dos seus pais (assinale apenas o *mais elevado*)
- |                                                                        | Pai                      | Mãe                      |
|------------------------------------------------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Analfabeto .....                                                       | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Alfabetizado ou primário incompleto .....                              | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Primário completo .....                                                | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Primeiro ciclo incompleto (ginásio, comercial, industrial, etc.) ..... | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Primeiro ciclo completo .....                                          | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Segundo ciclo incompleto (científico, normal, etc.) ....               | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Segundo ciclo completo .....                                           | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Superior incompleto .....                                              | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Superior completo .....                                                | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Não sei .....                                                          | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

31. Qual é (ou era, se falecido ou aposentado) a situação de seu pai?
- Trabalho por conta própria, sem empregados .....
- Trabalho por conta própria, com empregados .....
- Sócio ou dono de firma comercial, industrial, bancária, etc. ...
- Empregado de firma comercial, industrial, bancária, etc. ....
- Funcionário do governo, instituto ou outra organização para-estatal .....
- Outra (especificar)
32. Sua mãe exerce atividade remunerada?
- Sim  Não  Aposentada  Falecida
33. A renda mensal de seus pais é:
- Menos de Cr\$ 1.000,00 .....
- De Cr\$ 1.000,00 a Cr\$ 1.999,00 .....
- De Cr\$ 2.000,00 a Cr\$ 2.999,00 .....
- De Cr\$ 3.000,00 a Cr\$ 3.999,00 .....
- Mais de Cr\$ 4.000,00 .....
34. Seus pais moram em residência: Própria  Alugada
35. Você dispõe de carro para uso pessoal?
- Sempre  Às vezes  Nunca
36. Quanto você recebe por mês de cada uma das seguintes fontes:
- Salário ou rendimento ..... Cr\$ \_\_\_\_\_
- Mesada (total fornecido pela família para despesas pessoais) ..... Cr\$ \_\_\_\_\_
- Comissionamento ..... Cr\$ \_\_\_\_\_
- Bolsa trabalho ..... Cr\$ \_\_\_\_\_
- Bolsa de estudo ..... Cr\$ \_\_\_\_\_
- Outros rendimentos ..... Cr\$ \_\_\_\_\_
37. A quanto montarão, até o fim do corrente ano, suas despesas para frequentar este curso (incluindo também o que já gastou desde o princípio do ano)?
- Soma das taxas ..... Cr\$ \_\_\_\_\_
- Anuidade ou soma das mensalidades ..... Cr\$ \_\_\_\_\_
- Não tem despesas .....
38. Comentários e observações:
- Por favor, VERIFIQUE SE NÃO DEIXOU NENHUMA PERGUNTA SEM RESPOSTA
- Sinceramente, fico-lhe muito grata pela sua cooperação.